

«tanto mundo de água para mudar o destino»: representação do mar na obra de Manuel Rui

Tiago Aires

O mar não surge nas literaturas africanas continentais como a «paisagem» mais frequente ou até adequada às narrativas, apagado pela onnipresença da «Terra-Mãe» e pelos rios, representando quase exclusivamente elementos disfóricos como a colonização e a escravatura. Manuel Rui, no caso angolano, é uma das exceções, tanto na sua poesia como na ficção, uma vez que representa o mar como um símbolo de liberdade, renovação e confluência das diferenças, visível em obras como *Quem me dera ser onda* (1982) e *Rioseco* (1997). Esta comunicação procura evidenciar, enfatizando o pendor descritivo dedicado ao mar, a forma como o autor representa o mar na sua obra, associado a possíveis simbologias de ilha e rio, uma vez que funcionam em conjunto como representação de uma nação (ilha) que se estilhaçou no passado e procura agora construir uma convivência pacífica através da confluência do interior (rio) e do litoral (mar), repensando a cultura, a modernidade e a tradição.